

Aprender na Prática: experiência com afeto e educação no contexto das autorrepresentações fotográficas de mulheres em Maceió/AL<sup>1</sup>

Tayná Almeida de Paula (PPGAS/UFAL)

Palavras-Chave: educação da atenção; ser afetado; etnografia visual

O ano de 2020 foi atípico para o coração da antropologia. A pandemia da Covid-19, vista aos olhos de Mariano Perelman (2021) como um “fato social total”, tensionou radicalmente o fazer etnográfico tradicional. Queríamos nós ou não, neste período a necessidade de estarmos em “carne e osso” com as pessoas interlocutoras de pesquisa, ou mesmo, de nos deslocarmos geograficamente em busca de conhecimento antropológico, provocou pesquisadoras como eu a adotarem novas estratégias metodológicas de trabalho de campo: *pesquisar na pandemia*. Os atravessamentos do que chamo de pesquisar na pandemia me importam porque eu não etnografei as autorrepresentações fotográficas de mulheres na cena contemporânea de Maceió/AL de um ponto de vista distanciado, *da* pandemia, mas vivenciei este tempo excepcional, *na* pandemia, juntamente a elas.

Assim como grande parte da comunidade acadêmica que pretendia pesquisar em contato físico e presencial com seres humanos, me encontrei diante de um problema prático que contraria a própria concepção fundadora da disciplina antropológica: *estar lá*. Em um período de pandemia como “estar lá”, nos termos de Clifford Geertz (2009), como fazer antropologia “de perto e de dentro”, ao modo que nos coloca Guilherme Magnani (2002), ou mesmo, como exercer aquilo que para Roberto Cardoso de Oliveira (1996) seria o trabalho antropológico em campo, olhar, ouvir e escrever? Era impossível promover um *encontro etnográfico* em que eu me deslocasse para realizar a investigação social com as parceiras de pesquisa – fotógrafas alagoanas, seguindo os fluxos de sociabilidade em que elas se movimentam. Ainda porque, esses em sua maioria quando presenciais, também foram suspensos por certo tempo.

Na pandemia, a ruptura imediata com as relações sociais ao modo como eram antes – em “carne e osso”, presenciais, físicas e não virtuais, apresentou para o fazer etnográfico e o fazer fotográfico o mesmo contorno: a desterritorialização do campo. Uma saída coerente para muitas e muitos de nós, mas em especial, para mim, que se encontra inserida nos dois campos por também ser fotógrafa, foi a intensificação da sociabilidade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

em ambientes *on-line*<sup>2</sup>. Marcio Novelli (2010) sobre a adaptação da etnografia aos estudos de comunidades *on-line* indica que o ambiente virtual pode permitir tanto uma flexibilidade temporal como uma flexibilidade espacial para a execução da pesquisa, o que não significa que as esferas do “mundo real” e do “mundo virtual” devam ser pensadas como dois mundos separados, e sim, como um “*continuum*” da mesma realidade (NOVELLI, 2010).

Foi tendo em vista o *continuum* da mesma realidade desenrolado na “situação-limite” (FLEISCHER e BONETTI, 2010) da pandemia que pude substituir o “estar lá” por uma nova modalidade de vida: *estar junto*. Estar junto, ou estarmos juntas, nasceu da união e não exclusivamente do contato físico. Além de ter sido a maneira que encontrei para me aproximar das interlocutoras de pesquisa na pandemia, foi o que me permitiu participar do campo muito mais que observá-lo e, por consequência, *aprender* com elas. Nesse sentido, *Aprender na prática*, uma experiência com *afeto* e *educação* em campo, consistiu no meu engajamento criativo em *espaços de aprendizagem* orientados pelas fotógrafas parceiras de pesquisa.

Foram tutorias, oficinas, imersões e vivências artísticas, individuais e coletivas, nas quais elas, as fotógrafas, me ensinaram diferentes processos criativos pelos quais se autorrepresentam fotograficamente – ou seja, criam artisticamente sobre suas próprias existências. Esse processo foi atravessado por diferentes práticas terapêuticas, tais como o tantra, a mediação, a yoga, a dança, além da produção intuitiva propriamente dita, atravessada por escritos, autorretratos, fotografias e desenhos, em uma busca por autoconhecimento – fundamental para a autorrepresentação.

Jean Segata (2020) tendo em vista como no contexto sanitário em questão o meio de tecnologia digital tem sido privilegiado para o desenvolvimento do trabalho de campo etnográfico aponta: “é preciso considerar que a forma intensiva com a qual o *layout* de redes sociais reúne muitas pessoas no mesmo espaço tende a amplificar a observação em detrimento da participação” (SEGATA, 2020, p.14), de modo a dificultar a valorização da experiência etnográfica situada, diferente do que propõe o método clássico de investigação da “observação participante”<sup>3</sup>. Se aprofundarmos a crítica do autor, não

---

<sup>2</sup> Embora a pesquisa tenha sido inteiramente desenvolvida na pandemia da Covid-19, em sua maior parte *on-line*, a vacinação da população contra a Covid-19 tornou possível uma breve reconfiguração do trabalho de campo com momentos presenciais entre mim e as fotógrafas. Na presente exposição discuto apenas a investigação *on-line*.

<sup>3</sup> Na história da Antropologia foi o antropólogo polaco Bronislaw Malinowski (1884-1942), tido como o “pai” da etnografia, que cunhou o método clássico de investigação da “observação participante”, sistematizado na introdução da obra clássica *Argonautas do Pacífico Ocidental*, de 1922.

basta muito para perceber que essa não foi a primeira vez que os murmúros sobre a observação participante correram na disciplina.

Façamos um breve retrospecto... antropologia, como nos diz a própria etimologia da palavra, se trata da ciência que se dedica ao estudo do “homem”, ou melhor, da espécie humana. Legitimada assim como a fotografia no contexto colonial de dominação da segunda metade do século 19, nasce dividida entre dois mundos: o mundo do “Eu” (sujeito que pesquisa) e o mundo do “Outro” (objeto pesquisado). Foi na primeira metade do século 20 que a observação participante se tornou uma *práxis* antropológica, construída pela convivência prolongada com populações até então pouco conhecidas do ponto de vista científico, localizadas em territórios exteriores às civilizações europeias e norte-americanas – os chamados povos “nativos”.

Para François Laplantine (2003) foi nesse contexto que a antropologia se tornou pela primeira vez uma atividade ao ar livre, na qual a pessoa pesquisadora compreende que “deve deixar seu gabinete de trabalho para ir compartilhar a intimidade dos que devem ser considerados não mais como informadores a serem questionados, e sim como hóspedes que o recebem e mestres que o ensinam” (LAPLANTINE, 2003, p.57). Na relação com “os mestres que o ensinam”, no meu caso, com as mestras que me ensinaram, a pessoa que pesquisa “aprende então, como aluno atento, não apenas a viver entre eles, mas a viver como eles, a falar sua língua e a pensar nessa língua, a sentir suas próprias emoções dentro dele mesmo” (LAPLANTINE, 2003, p.57). Dentro de mim mesma.

A questão é que quando adentrei o campo de pesquisa digital nos espaços de aprendizados na intenção de etnografar as experiências das fotógrafas alagoanas, logo de início senti dificuldade de acionar a tão referenciada, também amplamente criticada, observação participante. Ser pesquisadora e fotógrafa ao mesmo tempo, além de mulher, gerava um lugar fronteiro acerca das minhas posicionalidades em campo, de modo que eu não observava e participava apenas de fora, sendo uma *outsider*, mas também, de dentro, como uma *insider*. Seria possível observar algo, de fora e de longe e, ao mesmo tempo, participar, de dentro e de perto?

Se por um lado me era exigido enquanto antropóloga a sensibilidade para introjetar em mim mesma os significados culturais das fotógrafas que eu investigava, em nome da objetividade científica me era requerida a omissão das dimensões mais subjetivas, emotivas e sensoriais que possibilitaram a experiência de campo – tratava-se, de um “paradoxo” no empreendimento etnográfico (VAGNER, 2000). Tim Ingold (2016) metaforizou essa natureza contraditória da observação participante pelo seguinte

questionamento: “Como é possível observar e participar simultaneamente? Isso não equivaleria a nadar no rio e permanecer nas margens ao mesmo tempo?” (INGOLD, 2016, p.407). Era então como se em campo eu estivesse sendo chamada para nadar, mas por alguma razão, invisível, só pudesse molhar os pés.

Foi nesse sentido que como uma “*antropóloga nativa*”, posicionada nem só no rio, tampouco só na margem, que a impossibilidade de estar lá tornou-se uma possibilidade de *estar junto* pelo acionamento de no mínimo três sensibilidades etnográficas em ambientes digitais, descritas por Debora Leitão e Laura Gomes: 1) Perambulações, 2) Acompanhamentos e 3) Imersões. A Perambulação parte de uma “sensibilidade etnográfica transeunte”, em que o ato de perambular aparece como “deixar-se conduzir pelo inesperado” (LEITÃO e GOMES, 2017). Perambular por códigos digitais, tal como *hashtags*, imagens e *hiperlinks* foi fundamental para a construção de um repertório de referências mobilizadas pelas fotógrafas nos diferentes *espaços de aprendizagem* que estive junto delas.

Já o Acompanhamento se deu pelo engajamento nos perfis emissores das fotógrafas, em que persegui seus trajetos nas plataformas digitais nas quais elas se constroem, como *Facebook*, *WhatsApp*, *Telegram*, *Youtube*, *Portfólio*, *Site* e, principalmente, *Instagram*. Nessa dinâmica de uso de rede, o Acompanhamento, pensado também como uma “etnografia-stalking”, eu mesma enquanto pesquisadora fui situada como uma potencial “stalkeada” pelas fotógrafas e pelas pessoas que transitam nos mesmos ambientes digitais em que o campo de pesquisa foi construído. Situação que me colocou, também nos termos das autoras, como “observadora-observada” (LEITÃO e GOMES, 2017).

Mas se em um primeiro momento perambulei observando e, se em um segundo acompanhei os perfis delas, *on-line*, esses movimentos só puderam acontecer pela Imersão, terceira sensibilidade etnográfica prioritariamente trabalhada nesta exposição, ainda que indissociadamente das outras sensibilidades etnográficas. Na Imersão, ou melhor, em todas essas imersões, diferentemente do processo de Perambulação e Acompanhamento das redes sociais virtuais, fui convidada a bem mais que molhar os pés, a mergulhar em campo, “de cabeça, para dentro” (LEITÃO e GOMES, 2017).

Embora os ambientes imersivos caracterizados por Leitão e Gomes não sejam da mesma natureza dos que participei – Tutorias, Oficinas, Imersões e Vivências, certamente apresentam semelhanças porque, neles, houve o afastamento do “aqui” e do “agora” e, além disso, exigiram tanto “aprender” com os estados subjetivos que propiciam, como o

exame de minha própria condição no momento em que realizava o trabalho de campo. Pelo menos, a princípio, porque o impacto desses espaços sobre minha subjetividade me permitiu, ou melhor, me direcionou involuntariamente a interferir nos “regimes de self”: fui afetada (LEITÃO e GOMES, 2017).

Mais que aceitar participar da experiência de campo numa relação empática tradicionalmente sugerida pela observação participante – colocar-se no lugar do outro –, “ser afetada” envolveu a experimentação proposta por Fravet Saada (2005), um modo de lidar com o tratamento paradoxal do afeto na antropologia. Nesse caso, se eu já era afetada antes, assim como as fotógrafas, pelas desigualdades experienciadas por nós mulheres, em campo fui afetada pelo agenciamento criativo de respostas às relações de poder e dominação que atuam estruturalmente em detrimento das mulheres. Fui afetada pelo descondicionamento do meu olhar, sentir e agir para a produção de visualidades outras no que diz respeito a representação feminina dominante, na medida em que aprendi compartilhando das presenças e experiências de vida das fotógrafas em questão.

Marcio Goldman (2003) ao questionar se é possível assumir um olhar distanciado quando o objeto de estudo observado faz parte do coração da sociedade do observador, relata a importância de substituir a noção de crença pela noção de experiência – um saber sobre o mundo, dentre tantos outros. De modo a conferir dignidade às fotógrafas que estudei, seja em suas inclinações místicas, espirituais, emocionais e artísticas – sociais, me permiti ser afetada, levando a sério os eventos vivenciados, o que me direcionou a adentrar uma série de aspectos sensíveis da experiência humana: sonhos, devaneios, transe criativos. Fui atingida “em cheio” (GOLDMAN, 2003) por cada um deles.

Entretanto, essa experiência não significou um processo de “conversão” ao ponto de vista das outras fotógrafas, ou mesmo uma “transformação substancial” em que me tornei “nativa”, mas sim, aquilo que pode ser entendido como um “devir-nativa”. O devir, segundo o autor, na verdade é “o movimento através do qual um sujeito sai de sua própria condição por meio de uma relação de afetos que consegue estabelecer com uma condição outra”. É o que “nos arranca de nós mesmos” (GOLDMAN, 2003). Ser afetada pela outra foi, então, a partir dos nossos encontros, ser arrancada de mim e retornar constantemente já sem ser a mesma fotógrafa, a mesma pesquisadora e a mesma mulher de antes. E também, ser exatamente a mesma coisa, o mesmo corpo – aliás, os regimes de visualidade, ou melhor, de sensorialidade, eram distintos assim como a diferença que nos habita.

Mas assim como concluo a respeito da observação participante, ser afetada embora possa ter sido uma escolha, nem sempre foi uma possibilidade concreta. Mais que “aceitar” a participar do trabalho de campo como propõe Saada (2005), rumo a um afeto involuntário (leia-se afeto no sentido de afecção), ou mesmo uma comunicação não verbal, foi preciso o desenvolvimento de uma *disponibilidade emocional*, nos trânsitos entre subjetividade e objetividade. Estar disponível emocionalmente para ser atravessada pelas parceiras de pesquisa, menos que talvez atravessá-las, foi um processo de despertar e adormecer a pesquisadora que há em mim. Envolveu uma tentativa de não racionalizar a experiência de campo: ao invés de “olhar”, fechar os olhos, ao invés de “ouvir”, evidenciar o que eu sentia, ao invés de “escrever”, deixar o sangue coagular na caneta, a não ser quando a caneta fosse manipulada intuitivamente. Foi preciso, então, desafiar a presunção do “antropólogo-olho”, aquele que tudo sabe e tudo controla, em que a visão é o sentido prioritário no fazer etnográfico, e assumir a identidade de uma “antropóloga-corpo” (FLEISCHER, BONETTI, 2010), em que a totalidade sensorial possibilita aprender sobre nós e sobre as outras.

Sabemos, através das posturas epistemológicas críticas da antropologia contemporânea, que a experiência da observação participante foi tida como uma ferramenta sustentadora da ideia de imparcialidade científica. Contudo, para Tim Ingold (2016) isso só se faz valer se a prática de pesquisa for dedicada exclusivamente a “objetificação” dos seres humanos. Ao contrário, defende que “observar não é objetificar” ou, pelo menos, propõe que não seja pelo caminho da antropologia como uma prática de educação (INGOLD, 2016). Para Ingold (2019) a observação participante “não se trata de descrever outras vidas, mas de unir-se a elas na tarefa comum de encontrar formas de viver”, (INGOLD, 2019, p.13). Para tanto, somada a discussão a respeito do “afeto” na antropologia, parto da noção de “educação da atenção” (2010), um processo de sensibilização de todo meu sistema perceptivo, no qual a observação participante não emerge com uma finalidade etnográfica, mas educativa (INGOLD, 2019; 2010).

Por fim, foi então considerando que nós, antropólogas e antropólogos, “estudamos com as pessoas, ao invés de fazer estudos sobre elas” (INGOLD, 2019, p.13) que fui iniciada na condição de aprendiz em especialidades da fotografia nas quais não estava habituada, em processos criativos impulsionados pelo ensino de autorrepresentações fotográficas com as quais as artistas maceioenses se identificam, através da participação em *espaços de aprendizagem*. Uma trajetória de pesquisa para a construção de uma etnografia visual por afeto e educação em campo, que se desloca entre as fronteiras da

arte e da ciência, da imagem e da antropologia, a partir da fotografia intuitiva, como proposto pelas fotógrafas.

### **Referências bibliográficas**

FLEISCHER, Soraya; BONETTI, Alinne. Etnografia Arriscada: Dos limites entre vicissitudes e “riscos” no fazer etnográfico contemporâneo. **Revista Teoria e Prática**, v. 19, n. 1, 2010.

GEERTZ, Clifford. Estar lá: A antropologia e o cenário da escrita. In: GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: O antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005, pp. 11-39.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 46, n. 2, 2003.

GONÇALVES DA SILVA, Vagner. "Desde o campo até o texto", "O vivido e o narrado: o que a escrita fixa?" In: O antropólogo e sua magia. São Paulo, Edusp, 2000, pp.118-133

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez. 2016.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Revista Educação**, v. 33, n. 1, 30 abr. 2010.

INGOLD, Timothy. **Antropologia: Para que serve?** Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. Coleção Antropologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, n. 42, Niterói, p. 41-65, 1. sem. 2017.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Tradução Marie-Agnes Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, jun. 2002.

OLIVEIRA, R.C. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol.39, n.1, p.13-37, 1996.

PERELMAN, Mariano D. La pandemia como hecho social total, como crisis y la desigualdad urbana. **Caderno CRH**, Salvador, v. 34, p. 1-16, 2021.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução Paula Siqueira. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155–161, 2005.

SEGATA, Jean. A pandemia e o digital. **Revista Todavia**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, ed. 8, p. 7-15, dez. 2020.